

A Morte no Futuro: A Europa na obra de Stefan Zweig

FERNANDO RIBEIRO

Universidade Nova de Lisboa

O europeu humanista de «porte aristocrático», judeu vienense de 54 anos que «adorava a mistura das cores na população brasileira», como descreve A. Koogan em «Lembrança de Stefan Zweig» (AAVV 1992: 21-24), foi convidado a 11 de Junho de 1932 por este jovem editor de origem russa radicado no Brasil, mais tarde pelo próprio presidente G. Vargas, a deslocar-se à terra «onde não existem problemas de raça (...) todos vivem numa paz que não se pode descrever.» como confessou a Friderike, sua ex-mulher (ibid: 36). Anuiu por carta de 22 de Junho de 1932. Chegaria a 21 de Agosto de 1936 pela 1ª vez, regressando a Inglaterra a 6 de Outubro de 1936. Voltaria a 21 de Agosto de 1940 e definitivamente a 27 de Agosto de 1941. Nunca recebeu patrocínio de ordem monetária para, regressado quatro anos mais tarde, recolher dados sobre o país. Nem para publicar *Brasil, País do Futuro* na «Guanabara» e ainda em 1941, em inglês, espanhol, francês, sueco e alemão: *Brasilien, ein Land der Zukunft* (ibid.: 23,25,35,57,59).

A incomodidade gerada pela recém adquirida nacionalidade inglesa, os receios face a possíveis retaliações devido às suas origens, a inadaptação à vida nos EUA e o mal-estar causado pela proximidade da sua ex-mulher ampliaram a sua satisfação ao ser convidado, por uma quinzena, para proferir conferências na Argentina e para um périplo de dois meses por terras de Vera Cruz (21 Agosto 1940 chegada ao Brasil, 26 Outubro a 15 Novembro périplo pela Argentina, Janeiro 1941, périplo pelo Brasil, até regresso a Nova Iorque em 23 Janeiro 1941).

Desejava esquecer a Europa, declarou em entrevista à chegada ao Brasil, libertar-se de um ano de terror diário e re-encontrar o consolo e a experiência, a alegria e a beleza no Brasil, pois ansiava

por «A Unidade Espiritual do Mundo» como defendeu no repleto auditório de *A Gazeta de S. Paulo* em 20 de Setembro de 1940. Visava um regresso às origens, ao mundo primitivo (Dines 1981: 230, 236).

Poderia tal constelação psicológica e espiritual ser vertida em discurso inteligível e magnetizador de atenções para o manancial do tesouro brasileiro?

Em 1940, a imigração já não era muito bem aceite no Brasil. Uma rede de falsários de vistos tinha sido desmantelada. Judeu era sinónimo de comunista; *white thrash* em documento oficial dirigido ao presidente G. Vargas pelo seu Ministro da Justiça: Francisco Campos (ibid.: 226). O próprio presidente, à luz do parecer do Conselho de Imigração e Colonização do Ministério da Justiça declarava manter o Brasil equidistante dos blocos em contenda, mas não descurava a hipótese de concessão de vistos a personalidades prestigiantes para o país (ibid.: 227), que ganhava com a repercussão de obras como *I Like Brasil* de J. Harding e *Inside Latin America* de John Gunther (ibid.: 294). Por isso o visto inicial por 180 dias foi tornado discretamente vitalício a cinco de Novembro de 1940 no consulado do Brasil em Buenos Aires.

As passagens de avião para o périplo pelo Brasil para recolha de dados foram pessoalmente entregues pelo secretário de Lourival Fontes, o responsável pelo DIP – *Departamento de Informação e Propaganda* –, que indigitou um repórter do periódico *A Noite* para acompanhar Zweig.

Brasil, País do Futuro não recolheu as melhores críticas dos opositores ao regime de Vargas, adepto da censura e concentração de poderes. A oposição constituída pela da intelectualidade empenhada não apoiou, mas alguns dos seus membros confessaram nem sequer ter lido a obra de Zweig, apesar de a terem rejeitado publicamente, como aconteceu com Jorge Amado (ibid.: 308). «Um livro mau», disse Carlos Maúl em *O Correio da Manhã* de 8 de Agosto de 1941, ao contrário de N. Braga apreciador do seu tom encomiástico (ibid.: 291-4). Zweig, a par de tudo, confidenciava a Friderike não ter o livro sido encomendado como julgavam os seus críticos, embora tivesse reconhecido a obrigação de escrevê-lo.

Darum beruht auf der Existenz Brasiliens, dessen Wille einzig auf friedlichen Aufbau gerichtet ist, eine unserer besten Hoffnungen auf eine zukünftige Zivilisierung und Befriedung unserer von Haß und Wahn verwüsteten Welt. (Zweig 1990 a: 22).

A ânsia de espaço, de liberdade, de arejamento psíquico não decorria da necessidade de fuga do lugar, mas como sempre em Zweig de uma alternativa com força moral indispensável ao equilíbrio psíquico, no qual importava empenhar a juventude. O Brasil, por ser um mundo onde os valores da Europa perdem em eficiência, cumpria bem esse objectivo: «(...) o sociólogo que estuda o Brasil não sabe mais que conceitos utilizar. Todas as noções que aprendeu nos países europeus ou norte-americanos não valem aqui (...). As épocas históricas emaranham-se umas nas outras.» (Bastide 1978: 15).

Brasil, País do futuro bebe de informações recolhidas ao vivo junto de empresários, políticos e economistas como Roberto Simonsen, intelectuais como Afonso Arinos Mello Franco, autor de *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, historiadores como Luís Edmundo ou do estudo de fontes como *Brazillie, een land dez Toekomst* (1909) do holandês N. R. Leuw ou *Il Paese dell' Avenire* (1922) de Francesco Bianco que por sua vez cita Manoel Bernardez *O Gigante que dorme*, ao defender a América Latina como o antídoto dos males para a Europa (Dines 1981: 247-8; 273). O título definitivo – tendo o original sido: *Um olhar sobre o Brasil* – dever-se-á, segundo Dines, à influência da carta do Conde Prokesch Osten ao Conde de Gobineau datada do ano 1868 com o objectivo de o persuadir a aceitar o cargo de embaixador à corte de D. Pedro II: «Um país novo, um porto magnífico, continuação da mesquinha Europa. Um novo horizonte político, uma *terra de futuro* ...» (ibid.: 272 e cf. epígrafe de *Brasil, País do Futuro*).

Contudo, a obra vendia 100 000 exemplares não tinham ainda passado seis meses da morte do seu autor, para gáudio do judeu austríaco defensor da Europa e da urgente autoridade moral, segundo A. Dines (AAVV 1992: 59).

O discurso encomiasticamente assumido por Zweig ao longo de *Brasil, País do Futuro* denota o propósito de sublinhar as virtudes de uma nação com 440 anos de história à época, ocupando um espaço infinito e desfrutando de um tempo incomensurável por ser logo em 1940 um modelo para a Europa fraticida. Obviamente não são visadas as colónias alemãs de S. Catarina e japonesa de S. Paulo, antes as franjas de civilização onde se situam: Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Gerais, Baía, Recife, Amazónia (Zweig 1990a: 13-14).

Valerá a obra pelos apontamentos estruturados histórica, económica, urbanística, demográfica e culturalmente com vista a formar o cidadão cosmopolita brasileiro, europeu ou americano?

A hospitalidade e exuberância natural do Rio de Janeiro – exemplar na «arte dos contrastes» – quer continental quer insular e de cariz comercial, marítimo, ocioso (ibid.: 217-219) de cidade prazenteira e escaldante (ibid.: 188-90, 234), conquistada ao brejo e expostas na natureza alegre e feliz (ibid.: 236-37) vivida no seu carnaval, estão ilustradas na vida real de um povo cujos ofícios se exerciam à porta aberta de costas voltadas para a mecanização (ibid.: 231, 234, 237, 215-16). O espírito empreendedor do paulista industrial de café enriquecido pelo sangue imigrante em azáfama constante (ibid.: 240-44) desde o século XVII bandeirante (ibid.: 262), garimpeiro do ouro no Rio das Velhas em Vila Rica/Ouro Preto de Minas Gerais até à capacidade de reconversão industrial metalúrgica e aurífera em Belo Horizonte a partir de finais do século XIX (ibid.: 262-3, 269, 279, 280); o autêntico fervor religioso, do convertido sangue africano, durante a festa do Senhor do Bonfim da Baía, exprimindo o deslumbramento pela pompa, pelo rito, pelo mistério (ibid.: 289-291) na cidade mãe conservadora do passado português (ibid.: 284-285) com governador e colégio de jesuítas, no seio da produção e manufatura de tabaco e cacau (ibid.: 298-302); a solidão verde do paraíso intacto desde a criação do mundo, onde se destaca Belém e sua extracção seringueira da borracha (ibid.: 306): eis o quadro vivo repleto de valores tão caros a Zweig.

A pujança imanente à mais importante reserva do mundo, localiza-a Zweig na intensidade da luz solar, no seu «húmus virginal» (ibid.: 94), mas sobretudo na lição de história viva e escrita durante os cerca de quatro séculos e meio últimos. E também no modo como soube conquistar o apreço disputado à rota das especiarias com o comércio do «ouro branco» (ibid.: 100), através do qual se afastou do comércio do corante quinhentista: Pau-Brasil (ibid.: 96-7, 100), no modo como aprendeu a beneficiar a terra com alfaías e gado (ibid.: 106-7), cruzando brancos e aborígenes sob o sentido étnico de uma comunidade nacional ansiosa e repleta de fugazes mananciais auríferos e diamantíferos, até o século XIX lhe trazer o rei para o Rio de Janeiro e aí fixar o imperador (ibid.: 112, 117, 121); ou como soube gerir pelo comércio as comunicações, o aproximar e o fortalecer dos laços nacionais entre regiões, pela via da respectiva produção: tabaco, algodão, cacau – Baía, Recife, Olinda, Ceará, Maranhão – ouro e diamantes – Minas. O sol e o solo infinitos interagindo sob a acção do trabalho gerado pela ousadia (ibid.: 149) contêm o segredo da superação da depressão entre

ciclos económicos, robustecendo uma nação cuja auto-co culminou com o ciclo do «ouro vivo» ao longo do qual diferenciada e técnica emigrou em finais do século XIX Brasil (ibid.: 148-9, 138).

No entanto, o valor maior vê-o Zweig enraizado no jesuíta iniciado por Manuel da Nóbrega desde 1549, e pela vontade de aprender e ensinar na nova terra sem a preocupação pelo dinheiro, pelo poder com a missão de realizar «o terrestre» vislumbrado desde 1500 (ibid.: 49, 26). Porquê estado de princípios idealistas, de uma só religião, idioma, brotava a ideia de diversas raças em concórdia – «eine einzigen Sprache und Denkweise verbundenen Nation» (ibid.: 49). O brasileiro de 1941, calmo, pensativo sentimental, mas sem perversidades ou calculismos (ibid.: 157-9), sem ambições, de boa índole, em parte pertencendo à massa analfabeta, em parte à burguesia patriarcal e anti-feminista, em parte à aristocracia de sangue ou capitã de indústria (ibid.: 151-2) será para Zweig resultado da mescla entre Europa, África e América (ibid.: 151-2) ensinada por Portugal, França e Holanda a abandonar as suas fronteiras geográfico-económicas com Vieira ou Ilhéus a autonomizar-se com D. Pedro I, a abolir a escravidão com D. Pedro II bem como a proclamar a república em 1889, e a fazer do sempre a conciliação como reiteração da congénita personalidade nacional – «eingeborener Charakter der Nation» (ibid.: 49).

Em *Brasil, País do Futuro*, Zweig empenha-se em mostrar a arte brasileira, velha de séculos, enaltecendo com o conceito de «humanidade» e a «tolerância» (ibid.: 20-22) no respectivo sentido, em contraste com uma época e civilizações ocidentais europeias, cujos padrões de tempo conduziam ao ódio e à guerra. Como o próprio testemunha em «Introdução», cabe-lhe apenas o que respeita ao espírito e à moral (ibid.: 14), dos quais o « futuro do nosso mundo » (ibid.: 12) se se acreditar na edificação de um «povo uno e livre numa terra livre» (ibid.: 12).

Instituído o padrão da liberdade, da satisfação individual (ibid.: 21-2), o futuro, o padrão Europa estaria garantido (ibid.: 21-2) com coragem e confiança sustentada pelo espaço – «Raum confeririam a pujança psicológica – «(...) und Raum ist ein bloße Materie. Raum ist auch seelische Kraft (ibid.: 149) – o edificador da concórdia. Em oposição à Europa exaltada e em excesso de liquidez (ibid.: 145-6), o Brasil deteria a

do Espaço, da harmonia e riqueza da mescla criadoras da arte e do crer, fé, ilustradas já na escultura do Aleijadinho.

O manancial infinito de potencialidades imanentes ao Brasil torná-lo-iam modelo de uma nova civilização aos olhos de Zweig, a ponto de o considerar paradigma do futuro da humanidade (ibid.: 10-12). O espaço, sempre o espaço, determinaria o conteúdo desse futuro, mas também a respectiva direcção desde que se pautasse pela organização e pelo bem-estar europeus (ibid.: 19-20), projectados na industrialização e produção lamentavelmente presumidas em fortunas tanto mais individuais quanto opressoras (ibid.: idem); a mescla contudo profícua e despreconceituada entre raças condicionaria o valor futuro desse espaço, mas igualmente o carácter naturalmente orgânico desse crescimento (ibid.: 63-4). As gentes, sempre as gentes, e correspondente gestão do seu entendimento em concórdia – evitassem-se ódios e reforçasse-se o carácter mais humano, pacífico e autóctone da nova atitude. A Europa era admoestada a reaprender o fazer e o viver em miscegenação – «Mischung» – (ibid.: 38-40, 44-47), o tempo – «Zeitgefühl» – no Brasil (ibid.: 185). Uma nação sem amos nem escravos, brancos ou negros – «eine föderalistische Republik» (ibid.: 89); «(...) nicht eine Herrennation von Weißen und eine Sklavennation von Farbigen (...)» (ibid.: 47).

No Brasil, Zweig dirige-se ao encontro de tudo o que a Europa tivera de bom, outrora. Espera obviamente que não singrem nessa terra sementes de violência e opressão, em expansão na Europa, havia uma década (Zweig 1990b: 453-4). Zweig sonhava ver a cultura e civilização europeias transpostas para esta terra nova, delineando assim a antevisão de um futuro mais risonho para a humanidade (ibid.: 454). Não admira que o renascer da fé e confiança em Zweig – associadas à primeira estadia (ibid.: 450) – fosse ainda mais justificado depois do *Anschluß*, da anexação da Polónia, da invasão da Checoslováquia e da declaração de guerra à Alemanha pela Inglaterra – sobretudo depois de obras suas na fogueira (ibid.: 416), e após ter assistido à capitulação do partido social-democrata austríaco perante a força bruta de Hitler e Seipel (ibid.: 435-6) e à humilhação pura e simples dos judeus (ibid.: 462). Não compreendia o apoio dos que veneravam a cultura sublime do espírito, dos académicos insígnies a um militarista, anti-pacifista (ibid.: 412), angariador de aplausos da classe média arruinada e da pequena burguesia arrivista, autoritária e estudantil (ibid.: 413-4, 416).

A veneração do maioritário primitivismo brasileiro não impedia que Zweig rejeitasse de modo algum a barbárie vivida na

Europa continental e xenófoba da década de trinta (ibid.: 465-467). Em meados da década de vinte, aquando da crise económica traduzida pela inflação galopante, vislumbrava o aparecimento do nazismo, favorecido pelo idealismo da República de Weimar associado à derrocada dos mais elementares valores morais (ibid.: 359-60), achava consequentemente não poder a sua geração sonhar para o futuro, de tal modo defendia terem a Europa e a humanidade perdido a oportunidade de reconciliação (ibid.: 342), cabendo tal tarefa aos que humildemente quisessem aprender com os erros do velho continente (ibid.: 346). A voragem das modas, o frenesim dos ismos (ibid.: 347), a bancarrota de todas as tradições, a contestação de todos os valores traduziam segundo Zweig a consciência do desengano das massas incrédulas; nem políticos, nem professores, nem pais, nem paz (ibid.: 342-4). A Europa continuava terra natal, mas as suas catástrofes obrigavam-no a refugiar-se, exilar-se e a depositar a sua esperança na geração e país do futuro (ibid.: 494). Não poderia ser seguramente a Europa do desequilíbrio moral, incapaz de valorizar a vida humana (ibid.: 468) ou dos nacionalismos, aniquiladores do sentido moral da vida (ibid.: 460) de finais dos anos vinte que poderia rivalizar com o sonho de uma república mundial – «Weltrepublik» (ibid.: 467) –, a cuja constituição nem fronteiras nem idiomas distintos poderiam fazer frente, pois seria orientada pela solidariedade internacional (ibid.: 450). Antes uma Europa caminhando na senda do trabalho, do amor, da amizade, da arte, da natureza em respeito pelos valores eternos e absolutos indispensáveis à existência humana e observados antes da I Guerra Mundial (ibid.: 335-339); na sua Áustria natal por exemplo.

Afinal de contas amava a Europa da liberdade individual e privada (ibid.: 117) – de pensamento, de expressão e circulação (ibid.: 223) – na qual o progresso e a cultura serviam o bem-estar, a consciência, a confiança, a saúde (ibid.: 225-8), fomentando o optimismo – «Weltvertrauen» –, a concórdia e fraternidade – «Weltbrüderschaft» – entre os homens (ibid.: 229). Tal como experimentara em Paris, onde o espaço ao serviço de todos comportava diferentes culturas e etnias sem toldar a alegria (ibid.: 154-7). E vivera igualmente na sua Viena da viragem do século, na qual o mundo educado, liberal optimista e organizado corria sem precipitações nem interrupções (ibid.: 16, 42, 44, 39-40). Época durante a qual a veneração da arte e da festa traduziam a energia de um povo (ibid.: 32-3), a cultura e a fruição do belo, a sublimação da existência

– mesmo nos momentos de degladição os cravos vermelhos surgiam para atenuar as crispções de Maio (ibid.: 80).

Renegava contudo a Europa da hipocrisia e da repressão da sexualidade – também da ostentação vazia e fútil dos universitários – precisamente por não espelhar a própria vida na sua realidade e autenticidade, insistindo na idealização pela castidade e pusilanimidade no feminino e actualização prostibular da *libido* machista no masculino (ibid.: 107-8), desviando a naturalidade do amor e ocultando a felicidade e liberdade sociais (ibid.: 109-11).

Enaltecia sobretudo a Europa da fraternidade, pacifista equidistante de qualquer extremismo ou fanatismo sob a unidade dos intelectuais liderados pelo seu admirado R. Rolland, já então apostado em enaltecer o valor espiritual da música, em proclamar a confiança na fraternidade dos povos e em incutir a ponderação e o ânimo (ibid.: 237) – não tanto no trilho do grupo *Clarté*, penhorado ao extremismo (ibid.: 346-7). Ao escritor caberia emitir opinião, influenciando o seu leitor, visando a fraternidade espiritual bem como a edificação da cultura europeia (ibid.: 274) e o abordar das questões de interesse profundamente humanitário. A obra literária veicularia uma mensagem moral architectada segundo intriga suficientemente intensa para prender a atenção do leitor com clareza, concisão e substância, evitando verbosidades fastidiosas (ibid.: 365). A narrativa engastada, processo preferido por Zweig, adequar-se-ia assim à sua pretensão de transmitir a verdade aos vindouros através da escrita, cultivando a condensação e dramatização da verdade dos factos na respectiva essencialidade inexorável (ibid.: 366-7). A sua predilecção pelo destaque dado à existência da vítima, do mais fraco (ibid.: 291-2), une-se em excelência à opção pela experiência (ibid.: 464): de ascensão e queda, de sucesso e insucesso, de guerra e paz, luz e trevas (ibid.: 494-5; 479) – decisiva, como a vivida em Berlim, cuja nostalgia cultivava. A prática da sua escrita planava em torno da oposição entre os universos: cultura e instinto e respectiva superação, cuja tarefa endossava à geração futura (ibid.: 481). O seu discurso só poderia corresponder à enenação da moral, de uma geração, de uma época, equiparando-se por isso ao seu admirado S. Freud, em cuja missão destacava a enunciação da «verdade imanente» (ibid.: 477), segundo a sistematização das perturbações da humanidade em fenómenos cíclicos (ibid.: 479). A sua própria obra literária atesta o colorir deste universo de abstrações com força e sentido, a fim de suscitar do interior do coração do cidadão burguês a indispensável regeneração.

O valor atribuído por Zweig, na sua obra *Die Heilung durch den Geist*, ao médico vienense «descobridor» do inconsciente (Zweig 1982: 363) decorre do facto de este ter revelado a dinâmica do espelho mágico (ibid.: idem), tal como refere em *Abendlicher Blick ins Weite*. Valor inerente ao sentido e vastidão dos objectivos de Freud, como advoga igualmente em *Situation der Jahrhundertwende* (ibid.: 286).

Segundo Zweig, a inovação e criatividade da metodologia de Freud eram em si próprias tão mais importantes quanto devastadoras de uma ética velha de um século e cujos parâmetros aprovavam o reprimir, o ignorar, o subestimar, o «cobrir» as tendências mais interiores e ocultas da alma humana. Freud denunciava o perigo desta via e preferia a identificação destas tendências inconscientes, o diálogo aprofundado com as mesmas e a transposição deste limiar. Ao aceitar sobretudo a existência de tais energias pulsionais e respectiva dinâmica, Freud declarava guerra à velha moral que as proscovia; o perigo nascia do impedir-se a passagem da *libido* para o consciente, perdendo-se os benefícios dessa transmutação. Acumular, reter, estancar fomentariam uma deformação perigosa no seio da alma, de degeneração plausível em doença nervosa (ibid.: 285-6).

O peso de Freud crescia à medida que acometia contra os defensores do pudor, da velha e boa moral dos tabus e quadros normativos, sustentáculos de ideais de cultura, civilização, humanidade, moral e progresso (ibid.: 287). Freud revolucionara tudo a ponto de a livre discussão pública e privada sobre psicologia corroborar um novo universo axiomático e uma nova sociedade europeia assente numa nova moral (ibid.: 282-3). Zweig criticava ao século XIX a imposição de códigos morais e respectiva veneração bem como o silenciar de qualquer discussão sobre matéria de facto (ibid.: 277-8). Quer a escola, quer o templo, quer o consultório, quer a arte deveriam abster-se de debater tais polémicas devastadoras da moral; a sociedade deveria viver «como se», «fazendo de conta», hipocritamente (ibid.: 277). Porque o século XIX oferecia em réplica a veneração da razão, orgulhando-se das consequências civilizacionais assim geradas. Consequentemente, denunciar o autodomínio, o ser conforme a moral hipócrita e louvar a discussão relativa à dinâmica da alma do homem, corroborando a necessidade de um ser moral comportaria uma mudança radical no seio de uma sociedade cujo progresso e bem estar eram apenas materiais, porque ela própria prisioneira da razão (ibid.: 277-278, 285).

O aparecimento da psicanálise respondeu, segundo Zweig, a uma necessidade da época em ver à transparência o insondável do espírito e através dessa técnica ganhar em benefícios para a saúde física e mental (ibid.: 376). Se a monotonização («Monotonisierung») progressiva da existência humana por virtude da massificação, do bem-estar, do lazer, do habitar, do vestir, do comportar-se – qual extensão da produção industrializada (ibid.: 377-8) – gerava a uniformização dos indivíduos e respectiva indiferenciação, então o interesse pela sua individualidade, personalidade e mundo de vivências mais recôndito acabaria por surgir naturalmente. Quanto mais a sociedade se constituísse em objecto do poder da razão, anulando as diferenças entre seres humanos, tanto mais recrudesceria o interesse pela estratificação inacessível e ininfluenciável a partir do exterior das vivências do homem (ibid.: 378). Ao deslocar tal ciência de análise psíquica do meio académico para o centro da realidade quotidiana, concedendo-lhe o estatuto de matéria de primeira necessidade para a vida prática, Freud aplicava a sua ciência à individuação natural em cada homem, sociedade e civilização (ibid.: 377-8). Zweig constata, em *Abendlicher Blick ins Weite*, quanto Freud, ao investigar a neurose da alma da humanidade em 1900, adverte a época da viragem do século quanto à disfunção psíquica provocada pelo avanço tecnológico da espécie humana (ibid.: 367-369); época esta na qual felicidade e alegria não aconteciam na mesma proporcionalidade dos progressos relativos ao domínio da natureza física (ibid.: 369). Questiona-se *inclusive* quanto à realização do compromisso entre a humanidade e as suas pulsões mais decisivas: agressão e sexualidade (ibid.: 371). A expressão dos sentimentos e emoções regredia na razão directa do afastamento das vivências mais elementares do homem primitivo, provocando a neurose em virtude da alma humana não se satisfazer com a simulação dos prazeres da sociedade civilizada (ibid.: 370-1). A mais valia oferecida por Freud situava-se na dimensão moral ao intuir o respeito pela personalidade desviante (ibid.: 379) como mandamento («Gebot») moral a ser observado quer na escola, quer na sala de audiências a fim de a humanidade ganhar em tolerância e entendimento mútuos e assim conquistar um patamar superior, como também refere ainda em *Geltung in die Zeit* e em *Situation der Jahrhundertwende* (ibid.: 379-380, 289). *Was fruchtbar ist, allein ist wahr*, munindo-se desta citação de Goethe, Zweig destaca o valor de Freud, mas não esquece o ponto fraco: quanto tempo levará tal a concretizar-se? Representar o homem

no seu próprio âmago, analisando-o no seio da existência real, apenas favorece essa visão da realidade individual, não a do próprio mundo. Ora para Zweig, a humanidade jamais poderia apartar-se do próprio sonho, do desejo, da crença universal, propiciadora do extravasar da alma para além dos seus limites e para o seio do universo (ibid.: 374-5). O ganho, mas também a perda. A humanidade como um todo não obteria consolação, pois não vislumbraria uma saída, uma visão abrangedora, um sentido; nem neste nem em outro reino dos céus, por muito confortável e penoso lhe fosse a via de acesso às profundezas (ibid.: 289). Todavia Zweig reconhece a Freud o dom de apresentar quase literariamente a alma à luz do drama entre o mundo de sombras, inconsciente, de impactes e efeitos amplos no consciente sem registos temporais marcadamente definidos a ponto de a configuração da personalidade gerar contemplação tão agradável como a de uma obra de arte (ibid.: 378-9).

Quando Mrs. C. relata na primeira pessoa, terminando uma longa confidência de vinte e quatro anos, ao narrador homodiegético de *Vierundzwanzig Stunden aus dem Leben einer Frau* que por sua vez transmite ao narratário, sem outro distanciamento, as vinte e quatro horas vividas por aquela personagem, agora *justificada* por se ter liberto de um peso que afundava a sua alma e a impedia de rever lugares passados sem desassossegado ódio (Zweig 1970: 277, 325), o leitor sente-se valer como cúmplice e espectador de uma encenação. Em primeiro lugar, encenação da infelicidade (ibid.: 268), da libertação da mulher (ibid.: 270-1), do jogo pelo jogo (ibid.: 304, 310, 306) da própria vida, até acabar por compreender não se tratar unicamente de uma crítica de costumes ou dos princípios morais cultivados à época, antes e sobremodo da exposição da dinâmica interior, da psique de uma mulher de quarenta e dois anos, capaz de racionalizar, verbalizar, tornar consciente as suas vinte e quatro horas e, vinte e quatro anos após, os fantasmas manifestos, o seu *Eros* (ibid.: 322, 325).

O narrador homodiegético de *Der Amokläufer*, funcionando como narratário desta narrativa também engastada, não impede o leitor, em última instância, de aceder à vivência do doido da Malásia que se suicida, em meio aquoso, por amor para recuperar a união impossível com a mulher adúltera por quem se apaixonara. O discurso, como em hipodiegese, brota directamente da escuridão, do silêncio do temível rosto do desconhecido (ibid.: 84), impelindo o leitor ao confronto com a sua Europa civilizada e de moral hipócrita, em vigor mesmo no Oriente (ibid.: 82).

A sociedade machista e discrição, encarando o amor como coisa ligeira (ibid.: 146) e a mulher como um mero objecto (ibid.: 150, 158-160) surge pela acção de narrador heterodiegético em *Brief einer Unbekannten*, mas introduzindo um nível narrativo também hipodiegético – processo formal idêntico ao dos exemplos anteriores – denunciando sobremodo a confiança funcional, o gritar de uma vez, só mais uma vez, da mãe solteira cujo valor eterno: amor, colidia com o carácter pragmático da sociedade burguesa europeia.

No entanto, mais uma vez se destaca o desfasamento temporal entre o momento da vivência e o relato – recordação, em analepse, preenche totalmente a narrativa engastada. O passado experiencial e o presente da discussão reúnem-se sob a aura temporal da recordação «indefinida e confusa» sem contornos exactos: «Sombras arrastavam-se para cá e para lá sem constituírem qualquer imagem.» (ibid.: 163). Espaço e tempo perdem as referências de circunstanciação vulgares: *como se ... saindo de outro mundo*.

A liberdade constitui-se seguramente autêntico valor, ao qual Zweig apela com estas encenações paradigmáticas da dinâmica da interioridade humana. No entanto, mais que para a liberdade de costumes, situável no tempo, apelará para a liberdade na origem de um ser *justificadamente* humano, como defenderá E. Levinas em *Éthique comme Philosophie Première*: « (...) je m'interroge déjà si mon être est justifié, si le Da de mon Dasein n'est pas déjà l'usurpation de la place de quelqu'un. » (Lévinas 1998: 105). Mais antigo que o próprio tempo, porque remissível a uma consciência pré-reflexiva e inintencional (ibid.: 85-86), o discurso de Zweig apela à responsabilidade do Eu pelo Outro, pelo próximo (ibid.: 98) até ao limite de lhe submetermos a nossa subjectividade: « Infinie sujétion de la subjectivité . » (ibid.: 99). Cercado pela interioridade a que o texto retorna insistentemente como em *Der Amokläufer*, o leitor é situado no universo do humano, do ser «em questão e perante a questão», às quais terá de responder (ibid.: 90). Não se tratará tanto de uma justificação perante a lei exterior enquadrada por regras universais e abstractas, mas motivada sobretudo pelo temor aprendido com o Outro. O próximo individualiza a usurpação da sua interioridade, ocasionando no ser o temor pela sua própria existência violenta ou criminosa: « (...) comme si j'avais à répondre de la mort de l'autre avant d'avoir à être. » (ibid.: 98). O universo: o dos valores; espaço e tempo: os das coordenadas em interioridade; o objectivo: o do humano justificado segundo a responsabilidade e liberdade do ser referidas ao Outro por este não ser indiferente ao

sujeito: « Dans la déposition par le moi de sa souvenance de moi, (...) signifie l'éthique et aussi probablement la spiritualité de l'âme, mais certainement la question du sens de l'être, c'est à dire son appel à la justification. » (ibid.: 104) – seja ou não seu conhecido. A ingenuidade perde toda a legitimidade e sentido no seio da existência destacando-se em seu lugar a relevante legitimidade do ser, do sentido – a ética da sua existência; mais que a causa, importará o modo, pelo qual o ser se impõe ao nada.

Pouco importará a morte do jogador em *Vierundzwanzig Stunden aus dem Leben einer Frau*, do médico em *Der Amokläufer* ou da desconhecida em *Brief einer Unbekannten*, por ser preponderante o retinir da liberdade, justiça, pré-tenções numa consciência pré-reflexiva tão moderna quanto o saber coincidir com o ser temente a outrém oferecido pela vivência, como acontece com *Mrs. C.* (Zweig 1970: 316-7, 323).

O estar-no-mundo de personagens assim representadas não corresponde ao privilegiado lugar-ao-sol e causa de expulsão do Outro para o isolamento. O ser confrontado com e pela questão torna-se vulnerável ao seu próprio mal-estar através do sofrimento do Outro; torna-se um ser exposto, cinde-se pelo facto de o pensar acabar por perder o vínculo de exclusividade ao saber, precisamente por apreender o saber como dependendo de uma aprendizagem anterior à compreensão, radicada antes na experiência do ser, como defende Levinas, agora em *Quelques Réflexions sur la Philosophie de l'Hitlérisme*.

Centramo-nos por isso no domínio da ética, aquele que esgota o entendimento do pressuposto da escrita de Zweig e lhe enriquece a praxis literária crítica no seio de uma Europa a regenerar.

Ao reconhecer o espaço da alma humana e com ele a capacidade de ruptura com o físico, o biológico, Zweig reitera a potência de regeneração ou possibilidade de ressurreição do próprio ser, à luz do que afirma Lévinas: « Les libertés politiques n'épuisent pas le contenu de l'esprit de liberté qui, pour la civilisation européenne, signifie une conception de destinée humaine. (...) L'homme se renouvelle éternellement devant l'Univers. » (Lévinas 1997: 8). E recupera o espaço de liberdade, ou seja o do triunfo sobre o tempo. Exactamente como acontecerá com a *Menorah*, quando o momento justo, para ser desenterrada e dar luz, chegar (Zweig s/d: 202-3). Ou como diria ainda Levinas, a liberdade inaugura um novo presente: « (...) le vrai commencement exigerait un vrai présent qui ... la (liberté) recommence éternellement. » (Lévinas 1997: 9).

O fluxo do tempo não corre irreversivelmente, nem os factos consumados em tirania, porque o espaço de acção da humanidade, de natureza moral, comporta sempre a iminência de um presente e a reabilitação da existência. Esta a liberdade da personagem crítica que se interroga quer volte à Europa o médico holandês quer o escritor deixe de receber rosas pelo seu aniversário.

A sociedade burguesa surte acerrimamente criticada, ferrada à sua segurança, incólume à dúvida, porque defensora de modas, de verdades únicas como por exemplo a da submissão aos desígnios do «sangue e do solo», do legado genealógico, da tirania do corpo sobre o espírito: «Toute assimilation rationnelle ou communion mystique entre esprits qui ne s'appuie pas sur une communauté de sang est suspecte. (...) La vérité a beau être *ma* vérité.» (ibid.: 22).

Precisamente esta tirania revelou-se comprometedora da liberdade do homem e da Europa de então. O tempo submetido à cristalização do passado e da tradição não permitiria o desmantelamento do destino fatal. O corpo acompanhado por tirania idêntica e assumido em massa como espaço único de verdade e identidade exclusiva do ser auto-referenciado. Tal raça fechada assim ao exterior, rejeitando a alteridade só poderia terminar num universo expansionista de amos e escravos: «La force ne se perd pas parmi ceux qui la subissent. Elle est attachée à la personnalité ou à la société qui l'exerce, elle les élargit en leur subordonnant le reste. Ici l'ordre universel (...) est cette expansion (idéologique) qui constitue l'unité d'un monde de maîtres et d'esclaves.» (ibid.: 23).

A verdade expressa por Castellio no século XVI – segundo Zweig em *Ein Gewissen gegen die Gewalt. Castellio gegen Calvin* (Zweig 1954: 212-3): «Als die Genfer Servet hinrichteten, haben sie keine Lehre verteidigt, sondern einen Menschen geopfert; (...). 'Einen Menschen töten heißt niemals eine Lehre verteidigen sondern: einen Menschen töten' (...)» – revela bem a pujança da consciência de evasão face à ideologia de opressão defendida por Calvin. A exaltação do espírito da liberdade de espírito desloca o fulcro da questão ética para o seio da alma da humanidade: «La dignité égale de toutes les âmes (...). Elle est due au pouvoir donné à l'âme de se libérer de ce qui a été, (...) pour retrouver sa virginité première.» (Lévinas 1997: 11). Rompe com uma civilização opressora das liberdades europeias, ao assumir o espírito como líder, não o corpo. Quando Castellio se insurge contra o sacrifício de Servet percebemos quanto Zweig sofre com a imolação do seu espírito, através do corpo.

A assumpção do espírito de evasão, personalizada até pelo exílio convicto, define-se sobremodo pela crítica ao regimen totalitário e opressor de uma Europa cujos ideais humanitários Zweig não deixa de cantar. A Europa constituía o projecto-Zweig da humanidade em paz: «Nesse vibrar de asas palpitam os nossos tristes pensamentos, na sua ansiedade misturam-se os nossos desejos. É ela a pomba perdida, voando entre o céu e a terra, a infiel mensageira do pai da humanidade a anunciar-nos o nosso próximo destino.» – prenunciará em *A Lenda da Terceira Pomba* (Zweig 1940: 184) cuja esperança de ver realizado não desvanecia: «Uma nova paz – ah! (...) – uma nova paz cimentará a velha ordem da vida: de dia o trabalho e de noite o descanso. (...) há-de insinuar-se de novo o silêncio com o suave sono; (...)» (ibid.:18-9) – afirmará o narrador de *O mundo não pode dormir* em Agosto de 1914.

Consequentemente a escrita de Zweig apresenta um projecto. De natureza ética: o bem para a Europa. Promove-o expondo-se, expondo o mal, a má consciência egoísta dessa mesma Europa incapaz de assumir o Outro, o outro lado. Através da exposição da não-verdade, do mal, tradicionalmente relegado para o inferno. Neste caso, Zweig perfilha a necessidade de auto-apreensão do mal e, nas palavras de Agamben, de respeitar o *Ter Lugar*, isto é a assumpção da exterioridade, da definição delimitada de cada coisa no mundo: «(...) a verdade só se manifesta dando lugar à não verdade (...) o bem não está porém num outro lugar: é simplesmente o ponto em que elas [as coisas] alcançam o seu próprio ter-lugar, tocam a sua intranscendente matéria.» (Agamben 1993: 18, 20).

Zweig não permite afinal o débito em potencialidade de cada coisa; derruba assim o preconceito opressor de uma época e Europa autoritárias e pré-totalitárias. Enunciando a culpa em suas personagens permite ao narratário, a consciência de actualização de potencialidades no seu próprio ser desviando-o de missões, de vocações históricas, espirituais, biológicas pois como defende Agamben em *Ética*: «Há (...) algo que o homem é e tem de ser (...) o simples facto da sua própria existência como possibilidade ou potência.» (ibidem: 38).

Zweig adverte: realize-se a potência do homem. A Europa – esta a sua própria possibilidade. A ética defendida sem lugar a preconceitos como advoga Agamben, porque bem e mal deixariam de diferir pela impossibilidade de ter-lugar. O ter-lugar da Europa manifestar-se-ia mesmo que a sua potencialidade se tornasse exterioridade além Atlântico sul. À época predominava uma pequena

burguesia nacionalista eivada de ideais, de sonhos de grandeza como plataforma de sobrevivência. Idêntica plataforma pretendeu Zweig – ainda que inequivocamente com a narrativa publicada postumamente em Setembro de 1942 e intitulada: *A Partida de Xadrez* [*Schachnovelle*] – destruir por nela reconhecer estratégias de identidade social autoritária: «Na pequena burguesia, as diversidades que marcaram a tragicomédia da história universal estão expostas e reunidas numa fantasmagórica vacuidade.» (ibid.1993: 51).

Apresentar consequentemente o Brasil como espaço de realização dessas possibilidades, sem aproximação à ideia, constituiu o projecto de singularidade para uma Europa que tal como hoje ainda não encontrara o sentido derradeiro da sua humanidade, porque, se os homens conseguissem ser «apenas o assim, a sua exterioridade singular e o seu rosto, então a humanidade acederia pela primeira vez a uma comunidade sem pressupostos e sem sujeitos (...).» (ibid.: 52).

Zweig defende a luta insigne contra o fanatismo à sombra do humanismo e da tolerância, liberdade de pensamento segundo o ideal da humanidade respeitadora do espírito, do conhecimento, da verdade e da acção moral levada a cabo pelo paradigmático *Homo per se* em *Triumph und Tragik des Erasmus von Rotterdam*:

Gegenüber den Politikern, den Führern und Verführern zur einseitigen Leidenschaft hat der Künstler, der Geistmensch im Sinne Erasmus', die Aufgabe, der Verstehend-Vermittelnde zu sein, der Mann des Maßes und der Mitte. Er hat an keiner Front zu stehen, sondern einzig und allein gegen den gemeinsamen Feind allen freien Denkens: gegen jeden Fanatismus; nicht abseits von den Parteien, denn mitzufühlen mit allem Menschlichen ist der Künstler berufen, sondern über ihnen, au dessus-de-la-melée, die eine Übertreibung bekämpfend und die andere, und bei allen denselben unseligen, unsinnigen Haß. (Zweig 1967: 21).

Erasmus de Roterdão deveria talvez ter seguido o exemplo brasileiro. O fanatismo e totalitarismo predominantemente rejeitados, mas sempre repetidos pela Europa impuseram-se ciclicamente por esta ter incorrido no Erro-de-Erasmus. Pertenceria ao povo delinear a via do triunfo, não ao intelectual; a este apenas aprender, deixar-se seguir por aquele:

Weil das Volk für ihn nicht vorhanden war, weil er es für unfein und eines Gebildeten für unwürdig hielt, um die Gunst der Masse zu buhlen und sich mit Ungebildeten, den 'Barbaren', überhaupt

einzulassen, hat der Humanismus immer nur für die happy few und niemals für das Volk existiert, und sein platonisches Menschheitsreich ist im letzten ein Wolkenreich geblieben, (...). (ibid.: 108-9).

Esta a consciência crítica do escritor cujo valor persistiria mais no estímulo à *arte do ler devagar* como defende Gadamer em *Hören Sehen und Lesen* (Gadamer 1999: 271) provocando o mergulho no sentido capturado ao texto pelo leitor:

Wir kennen das, wenn wir auf eine bloße Mitteilung im täglichen Leben hinhören: Wir hören dann zu, bis wir es 'haben' (...). Wir lesen ja auch wirklich ein literarisches Kunstwerk nicht auf das hin, was es an Information bietet, sondern werden immer wieder auf die Einheit des Gebildes zurückgeworfen, das sich immer differenzierter artikuliert.

– tal qual como se de uma conquista de significado ao texto musical se tratasse (ibid.: 277-8). Apelava assim a uma leitura abductiva, como se o texto encarnasse a presença real do ser com significado, como singularidade irreduzível a qualquer demonstração do enigma a que dá corpo, assim G. Steiner em *Real Presences*:

Where we read truly, where the experience is to be that of meaning, we do so as if the text (the piece of music, the work of art) *incarnates* (the notion is grounded in the sacramental) a *real presence of significant being*. This real presence, as in an icon, as in the enacted metaphor of the sacramental bread and wine, is (...) irreducible (...) to any analytical deconstruction or paraphrase. It is a singularity (...) (Steiner 1988: 86-7).

FONTES

- ZWEIG, Stefan (1990 a): *Brasilien, Ein Land der Zukunft*. Frankfurt/M: S. Fischer.
- (1990 b): *Die Welt von Gestern*. Frankfurt/M: S. Fischer.
- (1970): *Meisternovellen*. Frankfurt/M: S. Fischer.
- (1982): *Die Heilung durch den Geist*. F/M: S. Fischer.
- (1967): *Triumph und Tragik des Erasmus von Rotterdam*. Frankfurt/M: S.Fischer.
- (1954): *Ein Gewissen gegen die Gewalt. Castellio gegen Calvin*. Frankfurt/M: S. Fischer.
- (1940): *O Mundo não pode dormir*. Porto: Civilização.
- (s/d.): *O Candelabro Sagrado*. Porto: Civilização .

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (1992). *Stefan Zweig no País do Futuro*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- BAUER, Arnold (1985). *Stefan Zweig*. Berlin: Colloquium Verlag.
- AGAMBEN, Giorgio (1993). *A comunidade que vem*. Lisboa: Presença.
- DINES, Alberto (1981). *A Morte no Paraíso. A Tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GADAMER, Hans Georg (1999). *Ästhetik und Poetik. Kunst als Aussage*. Tübingen: Uni-Taschenbücher.
- MÜLLER, Hartmut (1988). *Stefan Zweig*. R/Hamburg: Rowohlt.
- LEVINAS, Emmanuel (1998). *Éthique comme Philosophie Première*. Paris: Payot et Rivage.
- (1997). *Quelques Réflexions sur la Philosophie de l'Hitlérisme*. Paris: Payot et Rivage.
- STEINER, Georg. (1988). *Le Sens du Sens. Présences Réelles. Real presences. Realpräsenz*. Paris: Vrin.